

Aborto precisa ser discutido sem hipocrisias

Indicadores mostram que interrupção da gravidez é um problema de saúde pública, mas grupos de pressão e poder público escamoteiam a questão

POR **EDITORIAL**
20/09/2014 0:00

Uma mulher morre a cada dois dias no Brasil vítima de aborto inseguro. A estimativa é da Organização Mundial de Saúde. Também é da OMS a informação de que o país faz, por ano, cerca de 1 milhão de procedimentos de interrupção da gravidez — quase todos ilegais, ou seja, feitos ao arrepio da legislação, que aceita como legais apenas os casos de contracepção ditados por risco à vida da gestante, estupro e gestação de feto com anencefalia.

PUBLICIDADE

Nos óbitos, a grande maioria é de mulheres das faixas sociais mais baixas. Dados da Pesquisa Nacional de Aborto (PNA) mostram que, até completar 40 anos, uma em cada cinco brasileiras já abortou espontaneamente, apesar da criminalização da interrupção da gravidez. Proibido formalmente, mas consentido na prática, o aborto é uma questão que precisa ser discutida.

Estes indicadores são incontestável evidência de que o aborto no Brasil é, acima de tudo, uma questão de saúde pública. E, subjacente, um problema social. A comparação dos números não disfarça a hipocrisia: se há predominância de

gestantes pobres entre os registros de óbitos em procedimentos clandestinos, mas pelo menos 20% das brasileiras já fizeram aborto, decorre que quem tem dinheiro paga para interromper a gravidez de forma segura; quem não tem submete-se aos riscos de intervenções de risco.

Apesar dessas evidências, o tema tem estimulado radicalismos, irracionalismos e oportunismo político, em detrimento de uma discussão realista sobre que procedimentos o país precisa adotar para enfrentar a questão. De um lado — a despeito das tragédias familiares que a clandestinidade provoca e mesmo com a laicidade do Estado — grupos religiosos têm agido, nas diversas instâncias das decisões públicas, para evitar até mesmo o debate do assunto. De outro, o poder público, por conveniência política, se dobra às pressões.

É sintomático, por exemplo, que ações oficiais, mesmo as mais tímidas, não vinguem. Caso, por exemplo, de recente portaria do Ministério da Saúde que estabelecia procedimentos para o atendimento no SUS de mulheres com complicações decorrentes de aborto. Nesse caso, o governo federal, pressionado por grupos de evangélicos, voltou atrás e deixou o dito pelo não dito. E é igualmente emblemático que o aborto ainda seja tratado como tabu, na campanha eleitoral, pelos principais candidatos à Presidência.

O país tem de acordar para esse problema. O aborto clandestino leva à morte milhares de mulheres, em casos que, em geral, permanecem desconhecidos. O caso da jovem Jandira Magdalena dos Santos Cruz voltou a trazer a discussão à luz. Ela desapareceu na Zona Oeste do Rio ao procurar uma clínica para interromper uma gravidez indesejada. É preciso deixar a hipocrisia de lado, enfrentar com responsabilidade as pressões que tiram o tema do âmbito da saúde pública para o da religiosidade (e do oportunismo político) e discutir a questão pelo viés que de fato importa.

Tomando estatinas?

clinlife.br.com/Colesterol

Estudo precisa de voluntários. Mais informações aqui.

Links Patrocinados

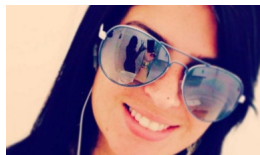
ANTERIOR

Autocrítica de 'O Globo' em 19 de setembro de 2014

PRÓXIMA

A desastrosa revisão da Pnad 2013

VOCÊ PODE ESTAR INTERESSADO EM...



RIO

Mulher sai para fazer aborto e é encontrada morta em Niterói

RIO

Técnica de Enfermagem já foi denunciada em dois processos por...



SOCIEDADE

Cientistas descobrem 'população fantasma' que deu origem a...

CULTURA

Um dia, vamos rir disso tudo

Na campanha, aborto, casamento gay e drogas são usados para espantar

BLOG

Professora é achada em hotel com aluno de 15 anos

MAIS LIDAS

01 Suspeita de bomba fecha Terminal Dois do Galeão por cerca de uma hora

02 Youssef enviou R\$1 bilhão para o exterior

03 Dilma muda discurso sobre papel da imprensa nas investigações, e brinca: 'serei uma sem-teto'

04 Brasil perde o título mundial de vôlei para a Polônia

05 Belga filho de brasileira se uniu ao Estado Islâmico após fracassar no futebol



Receba

busque por produtos

TÓPICOS [ELEIÇÕES 2014](#) [ESCÓCIA](#) [ENEM-VESTIBULAR](#)

VERSÃO MOBILE

RIO

ANCELMO.COM
GENTE BOA
BAIRROS
DESIGN RIO
EU-REPÓRTER
RIO 2016
RIO 450
TRÂNSITO

ECONOMIA

MIRIAM LEITÃO
DEFESA DO CONSUMIDOR
EMPREGO
IMÓVEIS
INDICADORES
INFRAESTRUTURA
NEGÓCIOS E FINANÇAS
PETRÓLEO E ENERGIA

CULTURA

BLOG DO XEXÉO
PATRÍCIA KOGUT
TEATRO E DANÇA
ARTES VISUAIS
FILMES
LIVROS
MÚSICA
RIO SHOW

ESPORTES

BOTAFOGO
FLAMENGO
FLUMINENSE
VASCO
RENATO M. PRADO
MMA
RADICAIS
RADAR OLÍMPICO

MAIS +

OPINIÃO
BLOGS
VÍDEOS
PREVISÃO DO TEMPO
INFOGRÁFICOS
EU-REPÓRTER

BRASIL

ELIO GASPARI
ILIMAR FRANCO
JORGE BASTOS MORENO
MERVAL PEREIRA
BLOG DO NOBLAT

SOCIEDADE

CONTE ALGO QUE NÃO SEI
EDUCAÇÃO
HISTÓRIA
MÍDIA
RELIGIÃO
SEXO
SUSTENTABILIDADE

ESTILO

BELEZA
CARROS
DECORAÇÃO
MODA
GASTRONOMIA
TURISMO

TV

PATRÍCIA KOGUT



© 1996 - 2014. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.

[CENTRAL DO ASSINANTE](#) [CLUBE SOU+RIO](#) [FAÇA SUA ASSINATURA](#) [AGÊNCIA O GLOBO](#) [O GLOBO SHOPPING](#) [FALE CONOSCO](#) [DEFESA DO CONSUMIDOR](#) [EXPEDIENTE](#) [ANUNCIE CONOSCO](#)
[TRABALHE CONOSCO](#) [POLÍTICA DE PRIVACIDADE](#) [TERMOS DE USO](#)